

DO HEGELIANISMO AO MARXISMO CIENTÍFICO

Eixo: O espírito e a letra da obra de Marx

Emanoel Rodrigues Almeida
Maria das Dores Mendes Segundo
Karla Érika Ferreira Ferro

RESUMO

Para tratar do movimento do Hegelianismo ao marxismo científico iremos desenvolver duas ações: descreveremos o contexto histórico que influenciou a vida e a obra de Karl Marx. A partir das contribuições de Hobsbawn (1977, 2001), iremos oferecer uma visão panorâmica do contexto histórico marcado por três elementos: a *dupla revolução*; a *primavera dos povos* e a *grande depressão*; apresentaremos a vida e a obra de Karl Marx em três movimentos. O primeiro nós denominamos de “democratismo radical”, marcado pela influência que sofreu nos círculos hegelianos; o segundo é “Fundação do materialismo histórico”, que é marcado pela forte relação de Marx com o movimento socialista dos operários franceses; o terceiro é “Construção do sistema econômico de Marx ou marxismo científico”, marcado pelo seu contato com a Economia Política Clássica.

PALAVRAS-CHAVE: Hegelianismo, Materialismo Histórico, Economia Política Marxiana.

O Contexto Histórico de Karl Marx

O contexto histórico que marca a vida de Karl Marx é oriundo de um processo que vem desde a metade do século XVIII e se estende até a *grande depressão* de 1873; compreende a *dupla revolução*, as revoluções de 1848 e o *capitalismo industrial*.

Inicialmente, descreveremos o significado e os resultados da *dupla revolução*. Segundo Hobsbawn (2001), os anos de 1789 a 1848 foram dominados por uma *dupla revolução*, de um lado a Revolução Industrial, iniciada e amplamente desenvolvida na Inglaterra e de outro, a transformação política associada e largamente vinculada à França. Ambas revoluções implicaram no triunfo do capitalismo liberal burguês e, sobretudo, no surgimento de forças contraditórias à ordem burguesa:

E ainda assim a história da dupla revolução não é meramente a história do triunfo da nova sociedade burguesa. É também a história do aparecimento das forças que, um século depois de 1844, viriam transformar a expansão em contradição. E mais ainda, por volta de 1848, esta extraordinária mudança de

destinos já era até certo ponto visível. Naturalmente, a revolta mundial contra o Ocidente, que dominou a metade do século XX, era então apenas escassamente discernível. Somente no mundo islâmico podemos observar os primeiros estágios do processo pelo qual os que foram conquistados pelo Ocidente adotaram suas ideias e técnicas para se virar contra ele. (HOBSEBORN, 2001, p. 17).

A *dupla revolução* transformou expansão em contradição na medida em que fortaleceu e consolidou a burguesia no poder e, conseqüentemente, gerou desajustes sociais que motivaram revolta e resistência da classe dos trabalhadores.

Sobre a Revolução Industrial, podemos dizer que a economia do mundo foi constituída fortemente sob a influência dessa revolução, que tem sua gênese na Inglaterra, em função de suas favoráveis condições objetivas:

A Grã-Bretanha possuía uma economia bastante forte e um Estado suficientemente agressivo para conquistar os mercados de seus competidores. De fato, as guerras de 1738-1815, a última e decisiva fase do secular duelo anglo-francês, virtualmente eliminaram do mundo não europeu todos os rivais do britânicos, exceto até certo ponto os jovens EUA. Além do mais a Grã-Bretanha possuía uma indústria admiravelmente ajustada à revolução econômica que permitia que se lançasse à indústria algodoeira e à expansão colonial. (HOBSEBORN, 2001, p. 49).

A despeito da forte expansão da Grã-Bretanha, seu progresso estava longe de ser tranquilo e, já entre os anos de 1830 e 1840, mostrava sinais de graves problemas sociais, como a miséria e o descontentamento. As revoluções de 1848 revelaram os levantes espontâneos dos trabalhadores da indústria e, não somente destes, mas também dos pequenos comerciantes e de outros setores da economia que foram afetados pela Revolução Industrial.

Esses problemas sociais refletiam o tropeço da economia capitalista que se expressava numa acentuada desaceleração do crescimento. Sua falha estrutural sinalizava contradições e dificuldades, como o ciclo comercial de *boom*, a depressão e a tendência de diminuição da taxa de lucro.

Se a Grã-Bretanha forneceu ao mundo o modelo para as ferrovias, fábricas e indústrias, a França forneceu à Revolução Industrial sua ideologia política.

A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema

métrico de medidas para a maioria das nações. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido às ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Essa foi a obra da Revolução Francesa. (HOBSBAWN, 2001, p. 71).

A força ideológica da França se deu em função de ser ela o mais populoso e poderoso Estado da Europa. As origens da Revolução Francesa são encontradas na situação específica da França:

Ela era a mais poderosa, e sob vários aspectos a mais típica, das velhas e aristocráticas monarquias absolutas da Europa. Em outras palavras, o conflito entre a estrutura oficial e os interesses estabelecidos do velho regime e as novas forças sociais ascendentes era mais agudo na França do que em outras partes. (HOBSBAWN, 2001, p. 73).

A *dupla revolução* motivou vários resultados, entre eles destacamos: a terra enquanto propriedade privada, o mundo industrial e o surgimento da classe proletária.

O mais catastrófico fenômeno do período de 1789-1848 foi o impacto que a *dupla revolução* causou sobre a propriedade e o aluguel da terra: “ela tinha que ser derretida a qualquer custo, de maneira que o solo pudesse ser arado pelas forças da empresa privada em busca de lucro”. (HOBSBAWN, 2001, p. 168). Esse processo transformou a terra em mercadoria pertencente a proprietários privados; a terra passou às mãos de homens desejosos de desenvolver seus recursos produtivos; e, para isso, a população rural deveria ser transformada em trabalhadores assalariados.

Essa transformação da terra em mercadoria teve que enfrentar dois grandes obstáculos: os proprietários de terra e o campesinato tradicional, já que ambos dependiam da terra como fonte de riqueza e de subsistência, respectivamente. Desse modo, através de uma ação articulada, que combinava política e economia, criou-se uma clássica solução, a chamada fazenda comercial.

Os mais radicais foram os britânicos e os americanos, pois ambos eliminaram o campesinato e um deles eliminou também o proprietário. A clássica solução britânica produziu um país em que talvez 4 mil proprietários possuísem cerca de quatro-sétimos da terra cultivada. (HOBSBAWN, 2001, p. 168).

Esse processo de transformação da terra em mercadoria quebrou os vínculos e outras proibições, como a venda da terra; as terras eclesiásticas deveriam estar abertas ao mercado e à exploração racional. Dessa forma, a libertação do camponês da servidão e da escravidão era, portanto, uma necessidade. Era o fim do feudalismo:

Na maior parte da Europa latina, nos Países Baixos, na Suíça e na Alemanha Ocidental a abolição do feudalismo foi obra dos exércitos conquistadores franceses, determinados a proclamar imediatamente em nome da nação francesa a abolição dos dízimos, do feudalismo e dos direitos senhoriais. (HOBSBAWN, 2001, p. 173).

O liberalismo, que influenciou o processo de privatização da terra, combinado à ganância e ao individualismo legal produziram uma tamanha catástrofe como jamais antes fora visto sobre a terra.

A *dupla revolução* consistiu, inicialmente, numa revolução acerca da propriedade da terra, mas acabou provocando o rompimento da tradicional sociedade agrária. O mercado mundial e a nova economia rural, esta estimulada pelas fazendas comerciais, alteraram decisivamente o significado da posse da terra.

Além da propriedade privada da terra, a *dupla revolução* criou também *um mundo industrial*. No século XIX, as mudanças sociais e econômicas se aceleraram visivelmente. Os avanços compreendidos entre 1830 e 1848 marcaram o nascimento de grandes áreas industriais, de famosos centros e de firmas industriais.

A produção industrial atingia cifras astronômicas: na década de 1840. Cerca de 640 milhões de toneladas de carvão foram arrancadas do interior da terra. Essas cifras só foram suplantadas ainda mais extraordinárias do comércio internacional, que se multiplicara quatro vezes desde 1780 até atingir cerca de 800 milhões de libras esterlinas. (HOBSBAWN, 2001, p. 321).

Em decorrência do surgimento do mundo industrial, nasce uma das profundas contradições da *dupla revolução*: a *classe trabalhadora pobre*, em que é possível verificar a lógica de funcionamento da sociedade burguesa, de caráter profundamente cruel, injusto, explorador e desumano:

Mas, de fato, a miséria – a miséria crescente, como pensavam muitos – que chamavam tanto a atenção, tão próxima da catástrofe total como a miséria irlandesa, era das cidades e zonas industriais onde os pobres morriam de fome de uma maneira menos passiva e menos oculta. (HOBSBAWN, 2001, p. 49).

Os trabalhadores pobres, cujo núcleo era o proletariado industrial, viviam dias tão difíceis que a rebelião, além de ser possível, era compulsória. O triunfo da sociedade burguesa foi acompanhado, como já se disse, do aparecimento dos movimentos trabalhistas e socialistas.

A revolução de 1848, denominada de *primavera dos povos* (HOBSEBAWN, 2001), é consequência direta da situação socioeconômica da classe trabalhadora.

Vale ressaltar que os movimentos trabalhistas não foram exclusivos do proletariado, nem no que se refere à sua composição, nem tampouco em sua ideologia e seu programa. Os movimentos trabalhistas consistiam numa frente comum de todas as frentes e as forças que representavam o trabalhador pobre.

Esses movimentos consistiram numa organização de autodefesa, de protesto e de revolução. Mas, para os trabalhadores pobres, esses movimentos eram mais do que um instrumento de luta, eram também um modo de vida.

A *dupla revolução* criou uma situação de extrema dificuldade para a classe trabalhadora, porque a burguesia liberal nada lhes oferecia, e a história os extraiu da vida tradicional que antes levavam; vida esta que os conservadores, em vão, ofereciam-se para manter ou para restaurar. Nada podiam esperar do tipo de vida para o qual eles eram crescentemente arrastados (HOBSEBAWN, 2001).

Todo o contexto histórico acima descrito foi objeto das investigações intelectuais de Marx e foi marcado, sobremaneira, pela Revolução dos trabalhadores no ano de 1848. Se por um lado, a *dupla revolução* foi marcada por grandes conquistas, em especial no âmbito econômico, por outro, criou também tamanhos constrangimentos históricos.

As incongruências decorrentes do triunfo da sociedade burguesa criaram os movimentos de resistência e de insurreição de trabalhadores, pois a situação destes, no século XIX, era de extrema dificuldade. Esse triunfo burguês tropeça no ano de 1848 quando o movimento dos trabalhadores pobres, nucleado pelo proletariado da grande indústria, inicia um levante contra a ordem social existente. Tal movimento foi o que Hobsbawn (2001) denominou de *Primavera dos Povos*.

A revolução de 1848 foi a que se espalhou mais rápida e largamente. Em um único ano, através da insurreição dos trabalhadores, a monarquia francesa foi derrubada, a república foi proclamada e a revolução europeia foi iniciada. “De fato, explosões simultâneas continentais ou mundiais são extremamente raras. 1848 na Europa foi a única revolução a afetar tanto as partes desenvolvidas quanto as atrasadas do continente.” (HOBSEBAWN, 1977, p. 30).

Um profundo sentimento de esperança e de libertação tomou conta da Europa. Uma atmosfera curiosamente romântico-utópica. “Era a *primavera dos povos* e como a primavera, não durou.” (HOBSEBAWN, 1977, p. 31, grifo do autor). Em pouco mais de um ano da explosão da revolução, veio a sua derrota: todos os regimes que derrubara foram restaurados, com exceção da república francesa.

A revolução de 1848 fracassou. O principal fator do insucesso dessa revolução foi o de ser ela uma revolução social de trabalhadores pobres.

Se a ordem social chegar a ser genuinamente ameaçada, se os grandes princípios sobre os quais ela repousa vierem a estar diante de um sério risco, então muitos dos mais decididos opositores, os mais entusiásticos republicanos, serão, temos certeza, os primeiros a aliar-se aos flancos do partido conservador. (HOBSEBORN, 1977, p. 35).

Inquestionavelmente, a revolução de 1848 foi liderada pelos trabalhadores pobres, que se confrontavam, não com os velhos regimes, mas com a nova ordem burguesa: “1848 fracassou porque ficou evidenciado que a confrontação decisiva não era com os velhos regimes e as forças do progresso unidas, mas entre ordem e revolução social”. (HOBSEBORN, 1977, p. 37). A burguesia não apoiou a revolução de 1848, tornando-se, então, uma classe reacionária:

Em 1848-49, os moderados liberais fizeram então duas importantes descobertas na Europa Ocidental: que revoluções eram perigosas e que algumas de suas mais substanciais exigências (especialmente nos assuntos econômicos) poderiam vir a ser atingidas sem elas. A burguesia cessara então de ser uma força revolucionária. (HOBSEBORN, 1977, p. 40).

Isolados, destituídos de maturidade político-ideológica e, naturalmente, sem contar com o apoio da classe burguesa, a revolução dos trabalhadores foi suprimida no ano seguinte à sua explosão.

O que mantinha este movimento unido era a fome, a miséria, o ódio e a esperança e o que o derrotou na Grã-Bretanha cartista e no revolucionário continente europeu de 1848 foi que os pobres – famintos, bastantes numerosos e suficientemente desesperados para se insurgirem – careciam da organização e maturidade capazes de fazer de sua rebelião mais do que um perigo momentâneo para a ordem social. (HOBSEBORN, 2001, p. 237).

A época em que vive Karl Marx é marcada por profundas contradições e desequilíbrios, denominada por Hobsbawm (2001) de *Era do capital*, período em que se conheceu, de um lado, o maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial e, de outro, os profundos conflitos sociais.

Com a derrota da revolução trabalhista de 1848, o capital industrial se mundializa:

O triunfo global do capitalismo é o lema mais importante da história nas décadas que sucederam 1848. Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender mais caro. (HOBSBAWN, 1977, p. 21).

Os anos que compreendem de 1849 até o início da década de 1870 foram marcados por uma grande expansão do capital, sem precedentes na história. O mundo se tornou capitalista. Essa expansão – *boom* – ocorreu devido à combinação de capital barato com um rápido aumento dos preços. Esse ambiente se tornou bastante favorável aos homens de negócios, pois fez com que a taxa de lucro do capital chegasse a 50%.

Nesta era, o capitalismo industrial tornou-se uma genuína economia mundial e o globo estava transformado, dali em diante, de uma expressão geográfica em uma constante realidade operacional. História, dali em diante, passava a ser a história mundial. (HOBSBAWN, 1977, p. 66).

A primeira das razões para essa tamanha expansão do capital deve-se à pressão da busca de lucro para acumulação do capital; em segundo lugar, essa expansão foi impulsionada pela estrada de ferro, pelo vapor e pelo telégrafo. Esse ambiente de desenvolvimento criou condições necessárias para a expansão das exportações de mercadorias, de capital e de homens. O capitalismo se mundializa, levando o comércio mundial, entre 1850 e 1870, a um crescimento de 260%. Outra grande razão para a expansão do capital pode ser verificada no liberalismo econômico, que criou uma série de tratados de livre comércio.

Marx também foi contemporâneo dos momentos de crise do capital. Viu o triunfo burguês ser afetado em 1873 pela *grande depressão*:

daí em diante começou o que um observador contemporâneo chamou – uma curiosa perturbação e depressão sem precedentes do comércio e indústria que os contemporâneos chamaram a Grande Depressão e que usualmente é datada 1873-96. (HOBSBAWN, 1977, p. 26).

O período de expansão do capital chegou ao fim com a depressão na década de 1870, ocasião esta em que ficaram visíveis os limites do capital e seu defeito estrutural:

Violentas quedas, algumas vezes dramáticas e globais, sucediam *booms* estratosféricos, até que os preços descessem suficientemente para dissipar os mercados retraídos e limpar o campo de empresas falidas. (HOBSBAWN, 1977, p. 65).

Era o fim de uma era de expansão do capital: mais de 21.000 milhas de estradas de ferro americanas entraram em colapso e falência; as ações na bolsa alemã caíram 60% entre a alta e 1877; o dilúvio de imigrantes para o Novo Mundo foi reduzido para um modesto rio, conforme Hobsbawn (1977). Tratava-se da Grande Depressão que se alastrou no mundo entre os anos de 1873 a 1896.

O contexto no qual Marx vive é caracterizado não somente por transformações econômicas, mas também por profundas transformações no mundo da filosofia. O iluminismo, enquanto movimento filosófico e científico, delega à razão humana a força motriz da emancipação humana. Ela é a precursora do ideário de que o homem é detentor de seu próprio destino. A influência iluminista marca a forma de pensar daquele contexto.

Karl Marx: vida e obra

Há três movimentos na trajetória da vida intelectual de Karl Marx que se constituíram nos pilares de sua formação teórica: a filosofia hegeliana na Alemanha, o movimento socialista utópico na França e a economia política na Inglaterra. Esses movimentos influenciaram decisivamente na construção do *sistema econômico marxiano*. Denominamos *movimento* por se tratar de momentos de vivacidade, evolução, ruptura e superação que marcaram a vida e obra de Karl Marx.

A trajetória teórica que iremos apresentar demonstra o percurso dinâmico e fortemente enriquecedor da vida e da obra de Karl Marx: seus estudos nos círculos hegelianos lhe forjaram radical espírito democrático; sua forte relação com o movimento socialista dos operários franceses que lhe deu as condições necessárias para a construção do materialismo histórico; e, por fim, o contato com a economia política burguesa contribuiu significativamente na construção de seu sistema econômico.

A formação do pensamento econômico de Marx, em particular, a investigação que ele faz da anatomia da sociedade burguesa, através da teoria do *valor*, é resultado desses três movimentos presentes em sua trajetória de vida e de obra.

Karl Heinrich Marx nasceu em 05 de maio de 1818, em Tréves, no sul da Prússia. Morreu em Londres, em 14 de março de 1883, na Inglaterra.

A trajetória de vida de Marx começa pelo movimento que denominamos **Democratismo radical**, marcado profundamente pela filosofia hegeliana. Esse movimento compreende o período que vai de 1837 a 1843. Sob a influência do pai, estuda Direito, História, Filosofia,

Arte e Literatura na Universidade de Bonn. Mais tarde, na Universidade de Berlim, ingressa nos círculos hegelianos.

Em outubro de 1836, o Dr. Heinrich mandou o filho estudar em Berlim, que era uma grande cidade e contava, já na ocasião, com mais de trezentos mil habitantes. A Universidade de Berlim, por sua vez, na qual Karl se matriculou, se caracterizava por um ambiente mais sério do que o da de Bonn. Sobre ela se projetava a sombra espiritual do maior pensador que o mundo tivera nas décadas precedentes, que ali lecionara e morrera em 1831: Georg Wilhelm Friedrich Hegel. (KONDER, 1999, p. 18).

Em Berlim, Marx inicia-se no idealismo hegeliano e conclui seus estudos na Universidade de Iena com a tese de doutoramento *A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*.

Com a tese, entretanto, Marx não conseguiu resolver o seu problema pessoal, econômico. Não pôde obter a cátedra que pretendia, pois o governo não queria hegelianos de esquerda pontificando nas universidades. E, em lugar de Marx alcançar o posto de professor universitário, como seu amigo Bruno Bauer, foi este quem perdeu o emprego: em outubro de 1841, Bruno Bauer foi proibido de continuar lecionando na Universidade de Bonn. (KONDER, 1999, p. 18).

Diante das dificuldades financeiras, mas impossibilitado de assumir a função de professor, Marx passa a escrever para o jornal *Gazeta Renana*, assumindo sua direção em 1842.

A colaboração de Marx na *Gazeta Renana* teve tanto sucesso que, em 11 de outubro de 1842, ele se mudou para Colônia e assumiu a direção do jornal! Sob a direção de Marx, a *Gazeta Renana* aumentou rapidamente sua circulação. Mas a alegria durou pouco. Após um violento artigo contra o absolutismo russo, publicado em janeiro de 1843, o czar Nicolau I pressionou o governo prussiano e este fechou o jornal. (KONDER, 1999, p. 24).

Esse primeiro movimento de Marx, influenciado pelos círculos de esquerda hegelianos, demonstra seu radical espírito democrático. Para Chasin (2000), é nesse período que ele está profundamente ligado às estruturas tradicionais da filosofia política, ou seja, à determinação ontopositiva da política.

Nos artigos de *A Gazeta Renana*, Marx é um adepto vibrante da linha de pensamento que identifica na política e no Estado a própria realização do humano e de sua racionalidade. Em outros termos, estado e liberdade ou universalidade e civilização ou hominização se manifestam em determinações recíprocas, de tal forma que a politicidade é tomada como predicado intrínseco ao ser social.(...)Em suma, à época de *A Gazeta Renana*, Marx está vinculado

às estruturas tradicionais da política, ou seja, à determinação ontopositiva da politicidade, e enquanto tal, formalmente, a uma das inclinações mais fortes e características do neo-hegelianismo. (CHASIN, 2000, p. 132).

Os escritos de Marx, nesse período, são marcados pela filosofia hegeliana, logo, pelo idealismo, segundo o qual o mundo das ideias funda e determina o mundo material.

A transição desse primeiro movimento ao segundo dar-se-ia motivado por dois problemas: 1) ainda quando Marx trabalhava na Gazeta Renana se deparou com problemas de *interesse material* ligados à relação dos camponeses com a terra. Essas situações materiais já não encontravam os devidos encaminhamentos e solução nas estruturas tradicionais da filosofia política hegeliana; 2) Marx havia se deparado com as ideias socialistas e comunistas, mas não as conhecia profundamente. Esses dois problemas motivaram Marx a uma investigação que implicou numa forte crítica à filosofia de Hegel:

Minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de estado, não podem ser compreendidas a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais da vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de sociedade civil, seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na economia política. (MARX, *apud* CHASIN, 2000, p. 136).

Essa investigação de Marx marca a transição da democracia radical para a democracia revolucionária.

O segundo movimento, que denominamos de **Fundação do materialismo histórico**, é marcado pela influência que sofreu do movimento socialista dos operários franceses, que dividimos em dois períodos.

O primeiro período compreende os anos de 1843 a 1845. Ocorre, a partir daí, a emergência do pensamento propriamente marxiano. Dar-se, então, uma inversão ontológica no pensamento de Marx:

Ora, a inversão ontológica alcançada e retida é precisamente uma configuração que impulsiona em direção oposta a tudo isso. [...] Ou, para usar os termos verdadeiros e muito incisivos de Maximilien Rubel, quando refere Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: é neste volumoso manuscrito que Marx rompe definitivamente com a ideia de Estado como instituição racional. (CHASIN, 2000, p. 138).

Como já foi dito, essa inversão ontológica teve forte influência do movimento socialista francês. Ao transferir-se para Paris, Marx entra em contato com o movimento socialista dos operários franceses:

Foi em Paris que Marx teve oportunidade de entrar em contato com o movimento socialista dos operários franceses. E esse contato com trabalhadores coletivamente dedicados à luta política pela transformação da sociedade impressionou-o profundamente. (KONDER, 1999, p. 28).

Alguns nomes foram importantes na sua formação, como os dos socialistas utópicos Saint-Simon, Charles Fourier, Louis Blanc, Mikhail Bakunin e Pierre Joseph Proudhon.

A partir desse momento, Marx passa a compreender o proletariado como uma massa capaz de promover a mudança da ordem social, econômica e jurídica, afirmando que o poder material só pode ser derrotado pelo poder material. (MARX & ENGELS, 2009). É o embrião do materialismo histórico.

Os textos produzidos por Marx nesse período dão testemunho dessa inversão ontológica. As obras *A questão Judaica*, *Introdução a uma crítica da filosofia do direito de Hegel*, *Manuscritos econômico-filosóficos* apontam para o caráter da determinação negativa da politicidade. *Manuscritos econômico-filosóficos* representa uma ruptura com o caráter ontopositivo da politicidade, mas não se constitui em uma obra econômica da maturidade teórica de Marx, tendo em vista que, nesse momento, ainda não tinha resolvido o problema do valor e da mais-valia.

Esse segundo movimento compreende também o período que vai de 1845 a 1847. Exilado na Bélgica, Marx constrói os fundamentos do materialismo histórico. Esse período marca o início da amizade com Friederich Engels. O primeiro texto publicado por eles, em 1845, *A Sagrada Família*, revela um rompimento com a esquerda hegeliana.

Trata-se de obra caracteristicamente polêmica, que assinala o rompimento com a esquerda hegeliana. O título sarcástico identifica os irmãos Bruno, Edgar e Egbert Bauer e dá o tom do texto. Enquanto a esquerda hegeliana depositava as esperanças de renovação da Alemanha nas camadas cultas, aptas a alcançar uma consciência crítica, o que negava os trabalhadores, Marx e Engels enfatizavam a impotência da consciência crítica que não se tornasse a consciência dos trabalhadores. E, nesse caso, só poderia ser uma consciência socialista. (GORENDER, 1985 *apud* MARX, 1985, p. 12).

Ainda conforme Gorender (1985 *apud* MARX, 1985), *A Sagrada Família*, enquanto revelava um rompimento com a esquerda hegeliana, mostrava-se um tanto alinhada com o

pensamento do socialismo utópico, já que ambos nutriam um profundo respeito por Owen, Saint-Simon e Fourier, nesse período.

Entre 1845-1846, Marx e Engels elaboram a *Ideologia Alemã*. Nessa obra, Marx e Engels fundam, explicitamente, a teoria do *materialismo histórico*, opondo-se ao caráter contemplativo do materialismo feuerbachiano.

A Ideologia Alemã encerra a primeira formulação da concepção histórico-sociológica que receberia denominação de materialismo histórico [...] A formulação do materialismo histórico desenvolve-se no corpo da crítica às várias manifestações ideológicas de maior consistência que disputavam, então, a consciência da sociedade germânica, às vésperas de uma revolução democrático-burguesa. A parte mais importante é a inicial, dedicada a Feuerbach. O rompimento com este se dá sob o argumento do caráter abstrato de sua antropologia filosófica. (GORENDER, 1985 *apud* MARX, 1985, p. 13).

Na *Ideologia Alemã*, fica evidente que é a relação entre as forças produtivas e as relações de produção que move a sociedade, e não o mundo das ideias, conceitos basilares para o conceito de modo de produção.

De acordo com Mandel (1980), as contribuições que concorreram para o progresso do pensamento econômico de Marx, na *Ideologia Alemã*, referem-se a uma visão mais dialética do capitalismo e do comércio mundial, bem como das necessidades humanas decorrentes da expansão industrial. Essas necessidades não poderiam ser atendidas nas condições da produção mercantil, senão, dentro de uma sociedade comunista: “a partir da *Ideologia Alemã*, Marx e Engels estabelecem claramente os laços que unem abolição da produção mercantil e o advento de uma sociedade comunista”. (MENDEL, 1980, p. 41).

Depois da influência da filosofia hegeliana e de entrar em contato com as ideias socialistas e comunistas na França, Marx vive o terceiro movimento decisivo em sua vida e obra. Esse terceiro movimento é decorrente do seu encontro com a economia política inglesa. Chamaremos esse movimento de **Construção do sistema econômico de Karl Marx ou marxismo científico**.

Estava claro para Marx que o movimento dos trabalhadores carecia de maturidade ideológica e política. A derrota das revoluções dos trabalhadores em 1848 denunciava a falta de organização, maturidade e cientificidade do movimento proletário.

O sistema econômico marxiano, distinto e oposto ao sistema dos clássicos burgueses, tem sua primeira redação em 1858-1859, na obra que denominamos de *Grundrisse*. Essa obra

representa o laboratório do pensamento marxiano, pois nela encontramos os elementos fundamentais que iriam compor o desenvolvimento de *O Capital*.

Uma redação mais definitiva acerca do sistema econômico vem ao público em 1859: a *Crítica da Economia Política*. Nessa obra, há dois documentos doutrinários do marxismo: o *Prefácio* e a *Introdução*. O livro é composto apenas de dois capítulos: um sobre a mercadoria e outro sobre o dinheiro.

Em 1867, finalmente, vem ao público o primeiro livro de *O Capital* como resultado das investigações de Marx acerca da Economia Política Clássica.

Esses três movimentos apontam para o lugar do sujeito na obra de Karl Marx. O primeiro movimento representa a supremacia do mundo das ideias; o sujeito é a ideia, o predicado é o homem ou as condições materiais. Há, nesse primeiro movimento, uma inversão do lugar do sujeito, já que a ideologia se constitui uma consciência falsa da realidade:

A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa da realidade. Desde logo, porque os ideólogos acreditam que as ideias modelam a vida material, concreta, dos homens, quando se dá o contrário: de maneira mistificada, fantasmagórica, enviesada, as ideologias expressam situações e interesses radicados nas relações materiais, de caráter econômico. (GORENDER, 1985 *apud* MARX, 1985, p. 14).

No segundo movimento, Marx opera uma alteração quanto ao lugar do sujeito. Coloca o predicado, ou seja, a ideia em seu devido lugar: não é o Estado que cria a sociedade civil, ao contrário, é a sociedade civil, engendrada sob a relação entre as forças produtivas e as relações de produção, que cria o Estado ou a ideia.

Não são, portanto, a Ideia Absoluta, o Espírito, a Ciência Crítica, os conceitos de liberdade e justiça, que movem e transformam as sociedades. Os fatores dinâmicos das transformações sociais devem ser buscados no desenvolvimento das forças produtivas e nas relações que os homens são compelidos a estabelecer entre si ao empregar as forças produtivas por eles acumuladas a fim de satisfazer suas necessidades. Não é o Estado, como pensava Hegel, que cria a sociedade civil: ao contrário é a sociedade civil que cria o Estado. (GORENDER, 1985 *apud* MARX, 1985, p. 14)

O terceiro movimento caracteriza-se pelo esforço de Marx em examinar a sociedade capitalista, através da *forma valor* e de identificar que na base material há uma inversão. Nas relações de produção sob a *forma capital*, as mercadorias, as coisas, são personalizadas e o homem coisificado. É o que denominamos de *fetichismo do capital*. Trata-se de uma inversão ontológica, pois se dá a partir da relação entre as forças produtivas e as relações de produção.

No terceiro movimento de sua vida e obra, Marx vai *desinverter* essa relação na medida em que efetua a crítica à Economia Política, desvendando seu caráter essencialmente histórico e determinado, como uma ciência até então constituída e desenvolvida a partir da ideologia burguesa. A inversão é decorrente da relação entre as forças produtivas e as relações de produção que se dá no contexto da propriedade privada dos meios de produção e da divisão do trabalho; uma vez superada essa relação se finda tal inversão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o contexto histórico no qual Marx viveu foi fundamental para entendermos como os resultados da *dupla revolução* influenciaram na construção de sua *teoria do valor*. O mundo burguês e a classe dos trabalhadores permitiu-lhe perceber que o capital é a forma mais desenvolvida do valor, caracterizado por profundas contradições e, como consequência, por lutas de classes. Seu contato com o movimento dos trabalhadores, nucleado pelo proletariado, impulsionou-lhe na busca por uma investigação mais rigorosa com o propósito de lançar as bases de um socialismo científico. Ele observou que as revoluções de 1848, encabeçadas pelos trabalhadores, careciam de maturidade e cientificidade. As condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista, ou seja, a relação entre as *forças produtivas* e as *relações de produção* imprimiu em sua *teoria do valor* um caráter extremamente histórico.

Para nos apropriarmos do caminho percorrido por Marx em sua *teoria do valor*, percebemos a necessidade de conhecer a evolução de seu pensamento, identificando rupturas e superação. A *teoria do valor* é resultado de um longo processo que se iniciou no seu contato com os hegelianos de esquerda, passou pelo contato com os movimentos operário francês e, finalmente, seu contato com a Economia Política Clássica. A processualidade de sua teoria segue o percurso de sua vida e sua obra. Percebemos, nos *movimentos* de sua vida, um paralelo com o lugar que o *sujeito* ocupa em suas obras. A inversão ontológica que ele opera em sua vida, optando pelo materialismo histórico, em detrimento do hegelianismo, mostra-nos o momento de recusa e de aceitação da *teoria do valor*. No entanto, é o terceiro movimento em sua vida, que se dá com o contato dele com a Economia Política, que efetivamente lhe dará as devidas condições de elaborar seu próprio sistema econômico. Percebemos que foram movimentos dialéticos, pois no processo de superação conservou-se o que era essencial em cada um deles. A superação do idealismo não implicou em seu rompimento com a dialética hegeliana. Investigar o valor como *conteúdo e forma* foi uma análise operada por Marx graças à Filosofia, ao movimento operário francês e à Economia Política Clássica.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, L. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo: Global, 1979.

BELLUZZO, L. de M. **Valor e capitalismo**: um ensaio sobre a economia política. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHASIN, J. **A determinação ontonegariva da politicidade**. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.

DUSSEL, E. **A produção Teórica de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GRESPLAN, J. L. **O negativo do capital**: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HARVEY, D. **Para entender o Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

HOBSEBAWN, E. J. **A era do capital**: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **A era das revoluções**: 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era dos Extremos**: O breve século XX, 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANDEL, E. **A formação do pensamento econômico de Karl Marx**: de 1843 até a redação de *O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MARX, K. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução. In: **Revista Temas de Ciências Humanas**. Vol. II. São Paulo: Grijalbo, 1979.

_____. **O Capital, v.1**: Crítica da economia política. São Paulo: Cultural, 1985.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **A Miséria da Filosofia.** Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1978b.

_____. **Manifesto comunista.** São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2007.

_____. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura do capital de Karl Marx.** Rio de Janeiro: EDUERJ-Contraponto, 2001.

RUBIN, I. **A teoria do valor em Marx.** São Paulo: Brasiliense, 1980.